

# Língua Portuguesa, Linguagem e Linguística 2

Ivan Vale de Sousa  
(Organizador)

ABC



 **Atena** Editora

Ano 2018

**IVAN VALE DE SOUSA**

(Organizador)

# **Língua Portuguesa, Linguagem e Linguística 2**

Atena Editora  
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Edição de Arte e Capa:** Geraldo Alves

**Revisão:** Os autores

### Conselho Editorial

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

L755	Língua portuguesa, linguagem e linguística 2 [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018. 5.198 kbytes – (Língua Portuguesa; v. 2)  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-85107-12-3 DOI 10.22533/at.ed.123181308  1. Língua portuguesa. 2. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de. CDD 410
------	---

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo do livro e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de  
responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos  
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins  
comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

E-mail: [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

A identidade de um livro simboliza todos os pensamentos e discussões que se pretendem divulgar aos leitores. Quando escrevemos um texto, de certa forma, os nossos interlocutores nos auxiliam na maneira como as ideias serão organizadas na textualidade dos enunciados e nas finalidades que almejamos atingir.

Se nos convencêssemos de que todo plano textual está inserido nas finalidades de informar, formar, convencer e esclarecer algo aos nossos enunciatários, certamente a forma como enxergaríamos o texto e seus elementos constituintes seria ampliada na diversidade que a língua se realiza nos contextos sociais, pois, de certo modo, escrevemos sempre com objeções considerando um contexto e os saberes do nosso interlocutor.

Necessário sempre será discutir o discutível, refazer o que carece de ser refeito, sobretudo no contexto de produção do conhecimento, já que todo processo de aquisição do saber parte de uma das mais importantes e significativas funções da língua que é comunicação entre os sujeitos. Sempre comunicamos por meio do texto algo a alguém e às suas funções que necessitam ser clarificadas nos atos de dizer e produzir.

As comportas do conhecimento abertas pelas reflexões deste livro se revelam aos diferentes leitores, coadunando-se com a plenitude de como a linguagem assume seu único e verdadeiro objeto de interação entre os sujeitos. Comunicamos porque somos partes do ato comunicativo e com essa convicção é que comunicar representa nossos anseios, bem como os esforços de pesquisadores e estudiosos que apresentam e, ao mesmo tempo, revelam as possibilidades de democratização das questões referentes à linguagem com as metodologias e os planos culturais e de identidades nos usos da língua.

Para legitimar a relevância das discussões reveladas em cada texto presente neste livro, a constituição de um mosaico textual de ideais e concepções são apresentadas por seus autores que propõem socializar os diferentes discursos capazes de sustentar as construções feitas em torno do ensino de Língua Materna, embora os estudos apresentados no referido livro não tenham unicamente a discussão que reverbera o trabalho com processo de ensino e aprendizagem da língua no seu contexto de autonomia e competências, mas da compreensão de que a língua se adegue aos meios sociais e às manifestações culturais.

A legitimidade com que os pesquisadores debruçam suas investigações na produção de cada capítulo justifica-se na plenitude diversa como a língua se expande nos diversos contextos de realização. E na função de perceber que sempre há outras formas de refazer o próprio discurso à luz da diversidade com que a linguagem é que se produz em uma corrente processual e metastásica em que os leitores encontrarão trabalhos referentes ao estudo da palavra, ao desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita, ao processo analítico de obras e textos literários, aos discursos formulados no imaginário cultural e às reflexões metodológicas de trabalho no contexto

escolar.

O todo deste livro se assemelha à construção de um grande quebra-cabeça em que só tem sentido quando são juntadas todas as suas peças na formulação do plano reflexivo capaz de constituir a relevância desta obra. São, pois, ao todo, dezoito trabalhos que transitam entre os contextos da linguagem, da linguística e das intervenções que estruturam o ensino de língua portuguesa e língua estrangeira nos mais variados contextos de aquisição. Sendo assim, uma síntese de cada texto com as marcas de seus autores pode ser revelada a seguir.

O primeiro capítulo, o pesquisador Ivan Vale de Sousa propõe algumas discussões que aproximam o trabalho com a utilização da pesquisa-ação aos procedimentos da sequência didática, que segundo ele são metodologias interacionistas no ensino da linguagem em que, ao mesmo tempo, rediscute como as implicações pedagógicas são capazes de aproximar os sujeitos *professor* e *aluno* da situação comunicativa com o desvelamento de três modelos de sequência didática elaborados à luz dos objetos didáticos no processo de didatização das práticas de linguagem.

As questões discutidas no segundo capítulo são de autorias de Genilda Alves Nascimento Melo, Andreia Quinto dos Santos e Célia Jesus dos Santos Silva, que rediscutem a necessidade do currículo à luz da docência como propostas de pertencimentos, servindo como requisitos fundamentais para o ensino de Língua Materna. No terceiro capítulo, as mesmas autoras com ordem diferente de apresentação das identidades, Célia Jesus dos Santos Silva, Genilda Nascimento Melo e Andreia Quinto dos Santos trazem à discussão o ensino de leitura e da função do suporte livro didático na instituição escolar de educação básica aproximando as reflexões.

Dóris Regina Mieth Dal Magro, no quarto capítulo, revisita as habilidades de leitura e escrita como eixos norteadores para o desenvolvimento do trabalho docente na disciplina de língua portuguesa à luz dos gêneros discursivos como alternativas eficazes na promoção do letramento e na autoria dos estudantes. O quinto capítulo, Nayara da Silva Camargo e Nilson Santos Trindade destacam os aspectos morfossintáticos da língua Tapayuna, especificamente no que se refere às relações pronominais focalizando ao leitor a compreensão desse processo.

No sexto capítulo, Luiz Antonio de Sousa Netto, Rafaela Cunha Costa e Stella Telles estudam a palavra fonológica na língua polissintética Latundê lançando luzes a algumas teorias apresentadas por estudiosos e ancoradas na concepção interacionista da linguagem. O sétimo capítulo, Maria do Perpétuo Socorro Conceição da Silva e Regina Célia Ramos de Almeida apresentam as marcas de oralidade na escrita compreendendo os processos de monotongação e apagamento do [R] final, no contexto de aplicabilidade e intervenção com alunos do ensino médio.

Thays Trindade Maier, no oitavo capítulo, apresenta um relato de experiências com atividades de leitura da literatura infantil, com a finalidade de despertar e promover a competência leitora no ambiente escolar. No nono capítulo, as autoras Katharyni Martins Pontes, Thaís Pereira Romano e Rita de Nazareth Souza Bentes apresentam o

letramento literário como instrumentalização no ensino de alunos surdos e rediscutem a relevância da acessibilidade do aluno surdo ao contexto literário.

No décimo capítulo, Myriam Crestian Cunha e Walkyria Magno e Silva partem do desenvolvimento disciplinar, refletindo os impactos na formação inicial do professor, além de discutir as estratégias metacognitivas na análise de novas propostas metodológicas no aprendizado de línguas estrangeiras. As reflexões que enfocam o décimo primeiro capítulo, Adriane do Socorro Miranda e Polyana Cunha Campos relatam as contribuições do Projeto Pibid no processo de formação inicial de professores de português como Língua Materna, em que os sujeitos participantes emitem suas convicções na função de bolsistas.

No décimo segundo capítulo, Larissa Rizzon da Silva revela como os fatores socioculturais e identitários são relevantes no processo de reabilitação do afásico, em que as discussões se concentram no contexto de socialização do sujeito com a linguagem. O décimo terceiro capítulo, a simbiose do bumba-meu-boi do Maranhão é tematizada nas reflexões de Joaquim de Oliveira Gomes sob a ótica do discurso e da sustentabilidade em que são propostas as aproximações entre a análise dos discursos à luz das toadas com as questões de sustentabilidade capazes de perpetuar a relevância da manifestação.

Rossaly Beatriz Chioquetta Lorenset, no décimo quarto capítulo, investiga as (des)construções do imaginário de ensino de língua portuguesa na formação superior da graduação em Direito lançando luzes para as vertentes e os saberes linguísticos na concepção da análise do discurso (AD). O décimo quinto capítulo, autoria de Katia Cristina Schuhmann Zilio, os sentidos digitais são discutidos como aproximações do uso da tecnologia na educação propondo questões que são respondidas ao longo das reflexões inseridas no texto.

No décimo sexto capítulo, Priscila Ferreira Bentes passeia entre as páginas da narrativa tecida pelo escritor Benedicto Monteiro, descrevendo o movimento de religiosidade no Círio de Nossa Senhora de Nazaré, além disso, a autora do capítulo aproxima as discussões entre literatura e antropologia com toda a riqueza literária presente na obra utilizada como *corpus* de análise. No décimo sétimo capítulo, Margarida da Silveira Corsi e Gilmei Francisco Fleck analisam a dialogia romanesca atentando-se para as releituras do perfil de uma cortesã, esclarecendo que a imbricação das análises culmina para a estruturação do cordel como uma das marcas da brasilidade.

Edvaldo Santos Pereira e Maria do Perpétuo Socorro Galvão Simões, no décimo oitavo e último capítulo, revelam a urbanidade poética como fonte de inspiração e análise, em parte, do poema *Belém e seu poema*, de Bruno Menezes e readmitem que as imagens criadas no gênero literário partem dos múltiplos olhares do cotidiano.

Ao apresentar aos leitores uma síntese do que pode ser encontrado em cada trabalho que compõe este livro, esperamos que as reflexões contribuam com o processo de ampliação do letramento literário, da metodologia de investigação com a linguagem, lance luzes a outros questionamentos e flexibilize a forma de pensar o

ensino de Língua Materna em uma construção de continuidade. Além disso, sabemos ainda que as discussões, doravante, demonstradas podem, de certa forma, ampliarem-se nos mais diversos contextos de aprendizagem em que o leitor transite o caminho também de produtor de outros discursos.

Prof. Me. Ivan Vale de Sousa

Organizador.

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
METODOLOGIAS INTERACIONISTAS EM QUESTÃO: PESQUISA-AÇÃO E SEQUÊNCIA DIDÁTICA NO ENSINO DA LINGUAGEM	
<i>Ivan Vale de Sousa</i>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>13</b>
'DOCÊNCIA: CURRÍCULO E PERTENCIMENTO – REQUISITOS BÁSICOS PARA O ENSINO DA LÍNGUA MATERNA	
<i>Genilda Alves Nascimento Melo</i>	
<i>Andreia Quinto dos Santos Célia dos Santos Silva</i>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>28</b>
O ENSINO DA LEITURA E O LIVRO DIDÁTICO NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA	
<i>Célia Jesus dos Santos Silva</i>	
<i>Genilda Alves Nascimento Melo</i>	
<i>Andreia Quinto dos Santos</i>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>44</b>
LEITURA, ESCRITA E A MEDIAÇÃO DOCENTE NA CONSTITUIÇÃO DA AUTORIA DOS ESTUDANTES	
<i>Dóris Regina Mieth Dal Magro</i>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>56</b>
ASPECTO MORFOSSINTÁTICOS DA LÍNGUA TAPAYUNA (JÊ): ELEMENTOS PRONOMINAIS	
<i>Nayara da Silva Camargo</i>	
<i>Nilson Santos Trindade</i>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>75</b>
ESTUDOS SOBRE A PALAVRA FONOLÓGICA NA LÍNGUA POLISSINTÉTICA LATUNDÊ (NAMBIKWÁRA DO NORTE)	
<i>Luiz Antonio de Sousa Netto</i>	
<i>Rafaela Cunha Costa</i>	
<i>Stella Telles</i>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>85</b>
MARCAS DA ORALIDADE NA ESCRITA: UM ESTUDO SOBRE MONOTONGAÇÃO E APAGAMENTO DO [R] NO ENSINO MÉDIO	
<i>Maria do Perpétuo Socorro Conceição da Silva</i>	
<i>Regina Célia Ramos de Almeida</i>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>104</b>
RELATO DE EXPERIÊNCIA APLICADAS NA PRÁTICA DE ENSINO COMO ESTÍMULO A LEITURA	
<i>Thays Trindade Maier</i>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>114</b>
LETRAMENTO LITERÁRIO: INSTRUMENTOS E ESTRATÉGIAS NO ENSINO DE ALUNOS SURDOS	
<i>Katharyni Martins Pontes</i>	
<i>Thaís Pereira Romano</i>	
<i>Rita de Nazareth Souza Bentes</i>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>124</b>
O IMPACTO DA DISCIPLINA “APRENDER A APRENDER LÍNGUAS ESTRANGEIRAS” NA FORMAÇÃO INICIAL DO PROFESSOR: ESTRATÉGIAS METACOGNITIVAS EM ANÁLISE	
<i>Myriam Crestiam Cunha</i>	
<i>Walkyria Magno e Silva</i>	



<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>139</b>
AS CONTRIBUIÇÕES DO PROJETO PIBID NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOB A ÓTICA DOS BOLSISTAS	
<i>Adriane do Socorro Miranda</i> <i>Polyana Cunha Campos</i>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>150</b>
A RELEVÂNCIA DOS FATORES SOCIOCULTURAIS E IDENTITÁRIOS NO PROCESSO DE REABILITAÇÃO DO AFÁSICO	
<i>Larissa Rizzon da Silva</i>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>159</b>
DISCURSO E SUSTENTABILIDADE NO AUTO DO BUMBA-MEU-BOI DO MARANHÃO	
<i>Joaquim de Oliveira Gomes</i>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>169</b>
FUNCIONAMENTO DISCURSIVO DO IMAGINÁRIO DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA EM GRADUAÇÃO DE DIREITO	
<i>Rossaly Beatriz Chioquetta Lorenset</i>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>184</b>
TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO: SENTIDOS DO DIGITAL	
<i>Katia Cristina Schuhmann Zilio</i>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>198</b>
DAS PÁGINAS LITERÁRIAS À EXPERIÊNCIA ANTROPOLÓGICA:UMA VIAGEM N'O CARRO DOS MILAGRES DE BENEDICTO MONTEIRO	
<i>Priscila Ferreira Bentes</i>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>208</b>
DA CAMÉLIA AO MANDACARU: RELEITURAS DO PERFIL DE UMA CORTESÃ	
<i>Margarida da Silveira Corsi</i> <i>Gilmei Francisco Fleck</i>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>227</b>
A URBANIDADE POÉTICA DE BRUNO DE MENEZES EM “BELÉM E O SEU POEMA”	
<i>Edvaldo Santos Pereira</i> <i>Maria do Perpétuo Socorro Galvão Simões</i>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>233</b>

## ESTUDOS SOBRE A PALAVRA FONOLÓGICA NA LÍNGUA POLISSINTÉTICA LATUNDÊ (NAMBIKWÁRA DO NORTE)

**Luiz Antonio de Sousa Netto**

Universidade Federal de Pernambuco  
Recife - Pernambuco

**Rafaella Cunha Costa**

Universidade Federal de Pernambuco  
Recife - Pernambuco

**Stella Telles**

Universidade Federal de Pernambuco  
Recife - Pernambuco

**RESUMO:** Considerando que a Palavra Fonológica (PF) é um componente básico na hierarquias prosódica (VOGEL, 2008), não estando suscetível a grandes variações independente da estrutura morfossintática das línguas, sendo um domínio relevante da interface fonologia/sintaxe, buscou-se neste trabalho descrever as regras fonológicas condicionadas à PF em Latundê (família Nambikwára), envolvendo a proeminência acentual e seu comportamento dentro da PF. Tipologicamente, o Latundê é uma língua predominantemente polissintética, de ordem SOV e com marcação no núcleo. Este estudo sobre o Latundê justifica-se pelo fato de que ainda há pouco conhecimento sobre a hierarquia prosódica em línguas polissintéticas e que fenômenos da polissíntese têm fornecido elementos importantes para reflexões teóricas e tipológicas sobre as línguas do mundo. Para este trabalho, foram ouvidos, transcritos

e observados acusticamente os dados do Latundê, com o auxílio do programa de análise acústica PRAAT. O estudo se ancorou em Stevens (1998) e Ladefoged & Maddieson (1996), para a identificação das propriedades sonoras de segmentos e suprasegmentos, em Vogel (2008), que discute o domínio da palavra fonológica x polissíntese e em Telles (2002, 2014), para o entendimento da morfossintaxe do Latundê. Notou-se que os processos fonológicos de assimilação, glotalização, alteamento vocálico, rotacismo, dentre outros, são restritos às palavras fonológicas e que o acento desempenha um papel determinante em alguns destes fenômenos. Constatou-se também que a definição genérica de Palavra Fonológica apresentada por Vogel é válida para os fenômenos observados no Latundê.

**PALAVRAS-CHAVE:** Família Nambikwára; Latundê; Língua Polissintética; Palavra Fonológica.

**ABSTRACT:** Considering that the Phonological Word (PW) is a basic component in the prosodic hierarchy (VOGEL, 2008), it is not susceptible to large variations regardless of the morphosyntactic structure of languages, and, therefore, a relevant domain of the phonology / syntax interface, this paper aims to describe the phonological rules conditioned to the PW in Latundê (a Nambikwára language), concerning

the stress prominence and its behavior within the PW. Typologically, Latundê is a head-marked SOV language, predominantly polysynthetic. This study on Latundê is justified by the facts that there is still little knowledge about the prosodic hierarchy in polysynthetic languages and that the phenomena of polysynthesis have provided important elements for theoretical and typological reflections on world languages. For this study, we examined acoustically and transcribed the available data in Latundê by making use of the acoustic analysis program PRAAT. The study was based on Stevens (1998) and Ladefoged & Maddieson (1996), that provide tools for identifying the sound properties of segments and suprasegments, on Vogel (2008), that discusses the domain of the phonological word versus polysynthesis and on Telles (2002, 2014), in order to understand the morphosyntax of Latundê. We noticed that the phonological processes of assimilation, glotalization, rotacism, among others, are restricted to the phonological words and that stress plays a determining role in some of these phenomena. We also found that the generic definition of phonological word presented by Vogel is valid to the phenomena observed in Latundê.

**KEYWORDS:** Latundê; Nambikwára Family; Phonological Word; Polysynthetic Language.

## 1 | INTRODUÇÃO

A Família Nambikwára, considerada um isolado linguístico (RODRIGUES, 1986), comporta dois grupos de línguas distintos, o Nambikwára do Norte e o Nambikwára do Sul, mais uma língua sem variação dialetal, que apresenta menor aproximação estrutural, com relação as demais línguas aparentadas. Price & Cook (1968)

Imemorialmente, os grupos falantes de línguas de maior proximidade entre si ocupavam territórios tradicionais ao sul da Amazônia brasileira, entre os estados de Mato Grosso (delimitado entre o Rio Papagaio a leste e o Rio Guaporé a oeste) e Rondônia.

A língua Latundê, objeto de estudo do presente trabalho, integra O Ramo Nambikwára do Norte, junto com as línguas Negarotê, Mamaindê e Lakondê. Presentemente, o povo Latundê é composto por vinte e três indivíduos, dos quais menos de dez usam a língua cotidianamente (TELLES, dados coletados *in loco* em agosto de 2016).

O presente trabalho aborda aspectos da Fonologia Prosódica do Latundê, ao considerar a Palavra Fonológica (PF) como um componente básico na hierarquia prosódica (VOGEL, 2008), detentora de proeminência acentual e constituída por um único radical, não estando suscetível a grandes variações independente da estrutura morfossintática das línguas.

Buscou-se, assim, como objetivo geral, descrever as regras fonológicas condicionadas pela PF em Latundê ao investigar a proeminência acentual e seu comportamento dentro da PF e o papel do acento na determinação de processos

fonológicos condicionados a esse domínio prosódico, apoiando-se nos trabalhos de Nespor & Vogel (1986), Ladefoged & Maddieson (1996), Stevens (1998), Vogel (2008) e Telles (2002, 2014). Notou-se que as raízes em Latundê são fonologicamente acentuadas e que em alguns dos processos fonológicos o acento desempenha um papel determinante.

## 2 | A LÍNGUA LATUNDÊ

Latundê é considerada uma língua do tipo polissintética, por apresentar elevado número de morfemas por palavra e fenômenos de incorporação e classificação nominal (TELLES, 2002). A natureza morfológica polissintética em Latundê é responsável por uma gama de processos fonológicos que ocorrem à medida que múltiplos morfemas são afixados.

A interface fonologia-morfologia é, muitas vezes, bastante opaca, e as formas de superfície resultam da interação entre esses dois níveis da língua e diferem significativamente das formas subjacentes.

Em nível fonológico, o Latundê possui maior número de fonemas vocálicos que consonantais, por haver contraste entre vogais orais, nasais, vogais laringais (*creaky voice*) e nasais-laringais. Tom e acento constituem subsistemas independentes. Há dois tons (baixo e alto), que participam da morfologia verbal da língua (TELLES, 2002).

## 3 | A PALAVRA FONOLÓGICA

Para Nespor & Vogel (1986), as línguas naturais se organizam hierarquicamente, numa escala prosódica formada por sete níveis (domínios) diferentes: Sílabas ( $\sigma$ ), Pé ( $\Sigma$ ), Palavra Fonológica ( $\omega$ ), Grupo Clítico (C), Frase Fonológica ( $\phi$ ), Frase Entoacional (I) e Enunciado (U). A Palavra Fonológica (doravante PF) é uma unidade prosódica com uma proeminência acentual, constituída por um único radical, que se situa entre o pé e o Grupo Clítico, e corresponde ao primeiro domínio prosódico em que ocorre a interação com a gramática (VOGEL, 2008).

Na escala prosódica, segundo os princípios da *Strict Layer Hypothesis* (SELKIRK, 1981), cada constituinte da hierarquia prosódica é composto de um ou mais domínios imediatamente abaixo na escala. No caso da PF, os níveis do pé e, por conseguinte, da sílaba, são as unidades constituintes subordinadas a essa camada.

Quanto à tipologia morfológica (AIKHENVALD, 2006), as línguas possuem classificações distintas, determinadas de acordo com: 1) a transparência de fronteiras morfológicas entre os morfemas de uma palavra gramatical e 2) o grau de complexidade interna das palavras. Diferentes línguas podem apresentar tipos diferentes de palavras morfológicas. De acordo com os tipos, as línguas podem ser vistas num *continuum*, estando numa extremidade as línguas consideradas isolantes, por apresentarem

alta ocorrência de um morfema por palavra, e noutra, as línguas polissintéticas, caracterizadas por um volume expressivo de material morfológico por palavra.

Além de apresentarem palavras lexicais bastante complexas, línguas polissintéticas exibem aspectos morfossintáticos característicos, tais como: 1) a propriedade de conseguir abranger um alto número de morfemas em sua estrutura interna, com correspondência a frases analíticas em outras línguas; 2) a presença de morfemas de natureza lexical, além da raiz; 3) a ocorrência de fenômenos de incorporação nominal e de classificação verbal e nominal, entre outros.

Do ponto de vista de Vogel (2008), essa variação da tipologia morfológica não afeta a generalização do conceito de PF no interior da hierarquia prosódica. Assim, tanto as línguas polissintéticas, quanto as línguas isolantes, possuiriam PFs baseadas nos mesmos princípios, não havendo, portanto, variação de PF nas diversas línguas no mundo, independente de suas características tipológicas.

Visto que o Pé e a Sílabas são as duas camadas logo abaixo da PF na hierarquia prosódica, conseqüentemente subordinadas a ela, neste trabalho identificamos as sílabas e os pés no interior da palavra morfológica, para checarmos a estrutura prosódica no interior da PF e identificarmos as fronteiras de suas bordas.

#### 4 | ETAPAS METODOLÓGICAS

De modo a investigar o domínio da PF em Latundê, foram ouvidos e transcritos dados da língua, gravados *in loco*, que constituem o acervo do NEI (Núcleo de estudos Indigenistas) da Universidade Federal de Pernambuco. O acervo compreende mais de 50 horas de gravação em formato digital.

Para realizar as transcrições, utilizou-se o programa de fonética acústica PRAAT (Universidade de Amsterdam, disponível em <http://www.praat.org>), que permite a segmentação do contínuo sonoro e a análise por meio de espectrograma, favorecendo o reconhecimento e a segmentação dos fones. Para a identificação dos segmentos e suprasegmentos, foram observadas as suas propriedades acústicas, tais como formantes e amplitude, seguindo as orientações de Ladefoged & Maddieson (1996).

Durante a audição, transcrição e análise, buscou-se identificar, no interior da palavra, a presença de morfemas classificatórios, uma vez que, por se tratarem de raízes presas, podem apresentar acento lexical. Em seguida, mediu-se o tempo da vogal do classificador relacionando-o com o tempo da vogal presente no radical da palavra, e verificando os valores do *pitch* na vogal acentuada. Buscou-se também checar a ocorrência de processos fonológicos em palavras de um radical, o que favorece a delimitação da PF. Assim, diante de um provável processo fonológico, poder-se-ia identificar se o fenômeno se encontrava no domínio da PF, ou entre PFs e sua recorrência, que implica a sua relevância para a língua, para, então, determinar a regra que condicionou o processo em questão.

A identificação dos processos fonológicos também contou com a análise prévia da fonologia do Latundê (TELLES, 2002) e com o contraste do dado fonético, obtido com a transcrição das palavras e dos enunciados do *corpus*, com as formas subjacentes (fonológicas) elencadas no dicionário preliminar Latundê-Português (TELLES, 2002), considerando os ambientes de ocorrências e tipos de alternâncias fonológicas já observados nas línguas do mundo (HAYES, 2009; SPENCER, 1996).

## 5 | O ACENTO EM LATUNDÊ

O Latundê apresenta constituintes não limitados, pois o domínio do acento é a raiz e alguns afixos que podem ou ser fonologicamente acentuados. (TELLES, 2002, p. 119). O correlato do tom é o *pitch*, enquanto que a proeminência acentual decorre do peso silábico. Sílabas acentuadas apresentam núcleo ou rima ramificados. Sílabas acentuadas podem apresentar pitch baixo.

Nos exemplos a seguir pode-se observar a manifestação do acento na língua. Na figura 1, o acento recai na primeira sílaba da palavra e na figura 2, o acento pode ser observado na segunda sílaba do radical da palavra. Em ambas as palavras a presença da *coda* nasal confere peso às respectivas sílabas.

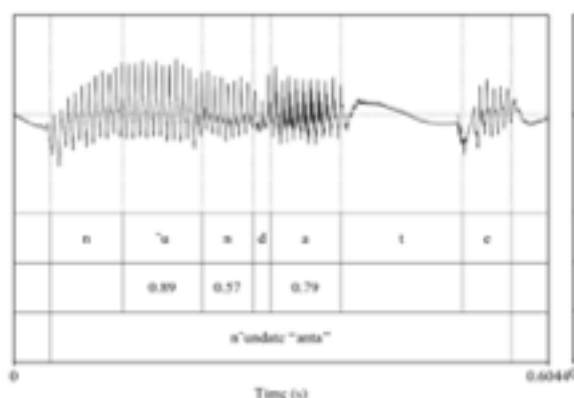


Figura 1: Vogal + coda nasal

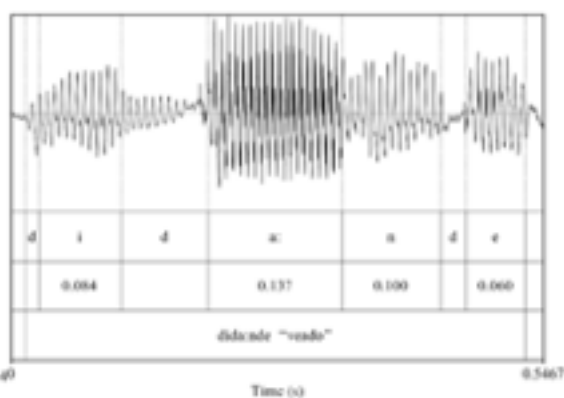


Figura 2: Vogal + coda nasal

Na figura 3, abaixo, a proeminência é vista em sílaba com vogal longa, que ocorre na segunda sílaba da palavra “espécie de macaco”. A vogal longa não é contrastiva em Latundê, e a sua realização é previsível em sílabas abertas acentuadas. Já na figura 4, o acento recai sobre a raiz da palavra, visto que a presença de uma *coda* glotal também confere peso a sílaba.

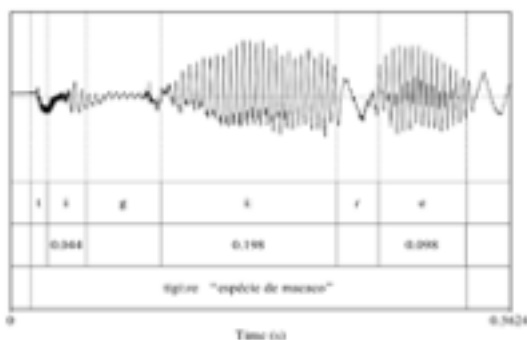


Figura 3: Vogal alongada

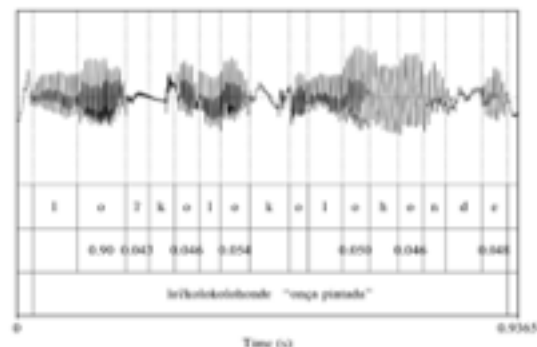


Figura 4: Coda glotal

De acordo com as figuras acima, verifica-se que em palavras com mais de uma sílaba, o acento recai sobre a sílaba pesada, uma vez que o peso define a posição do acento. Nesse sentido, segundo Telles (2002, p. 115) “as raízes e os afixos que apresentam posição medial na palavra que se finalizam em sílabas abertas acentuadas têm suas vogais finais alongadas [...] resultantes da necessidade de peso silábico para a realização do acento”. Na mesma direção, Telles (2014) considera que em raízes dissilábicas abertas o acento recai categoricamente sobre a segunda sílaba. Qualquer segmento na *coda* pode conferir peso à sílaba.

Ainda como pode ser observado nos dados constantes das Figuras 1 e 4, palavras que apresentam material morfológico de valor lexical, como o correspondente à segunda sílaba da Figura 1 com significado “grande”, ou raízes reduplicadas, como na Figura 4, apresentam apenas uma proeminência acentual e se confirmam como uma palavra fonológica, à exemplo do que se observa nas palavras nas Figuras 2 e 3, que são formadas apenas por raiz + sufixo gramatical.

## 6 | O ACENTO E OS PROCESSOS FONOLÓGICOS NO DOMÍNIO DA PALAVRA FONOLÓGICA

A fonologia segmental do Latundê, descrita em Telles (2002), é constituída por um conjunto de vinte e sete segmentos, dos quais onze são consonantais /p, t, k, ʔ, s, h, m, n, l, w, j / com cinco modos diferentes de articulação e dezesseis vocálicos, com vogais orais /i, e, a, o, u/, nasais /ĩ, ã, õ/ e vogais nasais e orais com traço contrastivo laringal /ĩ, ỹ, e, a, ã, o, õ, u/.

As sílabas em Latundê seguem o modelo (C)VV(C)(C) e apresenta *onset*, núcleo e *coda*, sendo esta preenchida por uma oclusiva glotal surda, que, em Latundê, se manifesta como fonema apenas nessa posição final silábica. Como muitos processos fonológicos ocorrem no domínio da sílaba, considerou-se, além da identificação da estrutura interna da palavra, a sílaba na análise dos processos observados.

Na prosódia das línguas do mundo, uma sílaba constituída por *onset* mais rima (núcleo mais *coda*) pode ser considerada uma sílaba pesada e a *coda* silábica é um elemento bastante suscetível a processos fonológicos distintos, processos estes que se

alternam fonologicamente por meio de regras aplicadas em determinadas condições, nas quais uma representação fonológica deriva/ culmina em outra (SPENCER, 1996).

Os processos fonológicos observados que ocorrem nas margens ou no interior da palavra fonológica, são privativas desse domínio. Os processos podem afetar qualquer segmento da sílaba podem ser condicionados ao acento. A seguir serão descritos aqueles que ocorrem na proeminência acentual.

## 6.1 Glotalização

Os processos fonológicos de glotalização envolvem constrições simultâneas na glote e em outra região do aparelho fonador (consoantes podem ser pré-glotalizadas e implodidas, por exemplo). O processo fonológico de implosão das oclusivas é um fenômeno recorrente nas línguas Nambikwára do Norte. A realização das consoantes oclusivas glotalizadas surgem em ambientes em que há proeminência acentual e no início de palavra.

### a. Implosão da oclusiva bilabial surda

O fonema oclusivo bilabial surdo /p/ na superfície como uma oclusiva bilabial implosiva sonora [b] quando em *onset* (início de sílaba), sendo esta proeminente (acentuada) e seguida por vogal baixa não-arredondada laringalizada [a̰]:

/p/ → [b] / [palavra__ [a̰] [+ acento]	
['balo.tã̰n]	['bana.tã̰n]
/'p̰a-lo-'tã̰n /	/'p̰a-na-'tã̰n /
'afundou na água'	'chão'

Os exemplos acima, demonstram que as propriedades laringais da vogal baixa [a̰] foram assimiladas pela oclusiva bilabial surda por assimilação progressiva. O fenômeno de implosão de /p/ também ocorre numa língua-irmã do Latundê, o Mamaindê, sendo determinado pela regra: início de sílaba acentuada, precedida por um limite de palavra ou uma oclusiva glotal e necessariamente seguida por uma vogal baixa (EBERHARD, 2009).

### b. Implosão da oclusiva alveolar surda

A implosão em Latundê também ocorre em início de palavra com a consoante /t/, uma oclusiva alveolar surda. O acento também é um elemento determinante, visto que os exemplares encontrados ocorriam em posição tônica na sílaba da palavra.

/t/ → [d̰] / [palavra __ [u] [+ acento]	
['d̰uri.nĩhḭ̃n]	['d̰ute]
/'tu-ti-'nĩ-hḭ̃n /	/'tu-te/
'pegar outra coisa'	'jandaia'

Hayes (2009) aponta que oclusivas implosivas são resultantes do rebaixamento da laringe durante a fonação, que afeta a oclusão, já que um pequeno vácuo se forma no aparelho fonador.

### c. Pré-glotalização da fricativa alveolar surda



Em Latundê, a fricativa alveolar surda pode sofrer pré-glotalização, conforme o dado abaixo.

/s/ → [ʔs]/ [sílaba\_\_ i [+ acento]  
[de'ʔsi'rãna]  
/taj-'si-'tãn-a/  
'minha casa'

## 6.2 Palatalização

A ocorrência de palatalização, processo que envolve o movimento de parte da língua em direção ao palato, pode advir da adjacência de segmento alto, como é o caso das vogais /i, u/, vogais altas anterior e posterior, respectivamente. Nesse caso, a palatalização envolve a assimilação e pode resultar na lenição (ou enfraquecimento) do som afetado.

Tanto o Latundê quanto o Mamaindê não possuem em seus respectivos sistemas fonológicos fricativas ou africadas palatais (EBERHARD, 2009; TELLES, 2002). Contudo, no Latundê, em nível fonético, após avaliação auditiva e acústica do fonema /s/, fricativo alveolar surdo, constatou-se a realização de fones palatais africado alvéolo-palatal surdo [tʃ] e fricativo alvéolo-palatal surdo [ʃ].

/s/ → [tʃ] / \_\_ [i, e, o, u] [+ acento]  
[tʃĩn.du.rã]      [tʃehũ.ba]      [tʃo.rã]      [ĩ'tʃitʃu.nã]  
'sĩn-tu-'tãn/      /'seh-ã-pa/      /so-'tãn/      /ĩ-'si-su-'na /  
'eu puxei'      'põe aí mesmo'      'fazer o colar preto'      'casa dele'

A fricativa alveolar surda sofre assimilação do traço alto das vogais adjacentes. A africada [tʃ] ocorre sempre em *onset* silábico. No que diz respeito ao alofone fricativo alvéolo-palatal surdo [ʃ], a assimilação regressiva ocorre com a vogal anterior /i/ ou em posição inicial de palavra, em sílaba acentuada.

/s/ → [ʃ] / [i] \_\_ , [palavra\_\_] [+acento]  
[i'ʃãñã.na]  
'i'sãn-tãn-ta/  
'folha'

## 6.3 Alteamento vocálico

O fonema vocálico central baixo não-arredondado /a/ possui larga variação alofônica. Os processos envolvidos são fusão, quando a vogal é seguida pelas semivogais /w, j/ ou assimilação progressiva.

Nos exemplares a seguir, a vogal [a] fundiu-se com os glides [w, j], ocorrendo, portanto, um alteamento vocálico e uma posteriorização ou anteriorização, respectivamente.

Fusão:

/a/ → [ɔ] / \_\_w [+ acento] ou /a/ → [ɛ] / \_\_j [+ acento]

[da'ɔnɔ]	['ɔte,rãn]	['ɛ,rãn]
/ta-'aw-nɔ/	/'aw-te-'tãn/	/'aj-'tãn/
'cortar'	'já arranquei com a mão'	'eu andei'

Como pode se observar nos dados acima, a fusão ocorre também na posição acentuada.

## 7 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho tratou, preliminarmente, de algumas questões acerca da PF em Latundê. Por se tratar de uma língua polissintética, cuja estrutura vocabular envolve vários morfemas, incluindo afixos com proeminência acentual, muitas das palavras morfológicas podem ser longas e aparentemente constituídas por mais de uma palavra fonológica. Esse fato está de acordo com a interpretação de Vogel (2007) sobre as palavras fonológicas em línguas do tipo polissintética.

Também em consonância com Vogel (2007), os resultados obtidos nesse trabalho sobre as regras condicionadas na juntura da palavra fonológica em Latundê evidenciam preliminarmente que os processos ocorrem restritamente no domínio da palavra fonológica. Saliente-se, entretanto, a necessidade de aprofundamento do mapeamento dos fenômenos nas fronteiras vocabulares.

No caso do acento, ele recai sobre sílabas pesadas como *codas* +sonorante [n] e –sonorante [ʔ] e núcleos ramificados. Ademais, sílabas abertas alongam a vogal da raiz para receberem o acento e palavras com mais de uma raiz apresenta apenas uma proeminência.

Finalmente, percebe-se que a proeminência acentual da raiz e, por vezes dos afixos acrescentados a ela, é um fator relevante para determinação dos fenômenos fonológicos que ocorrem sob o domínio PF na hierarquia prosódica em Latundê.

## REFERÊNCIAS

AIKHENVALD, A. **Typological distinctions in word-formation**. In: SHOPEN, T. (Ed.) *Language Typology and Syntactic Description*. Volume III: Grammatical Categories and the Lexicon. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

HAYES, B. **Introductory Phonology**. Third Edition. Blackwell Press, 2009.

LADEFOGED, P. & MADDIESON, I. **The Sounds of the World's Languages**. Cambridge MA: Blackwell, 1996.

NESPOR, M. & Vogel, I. **Prosodic phonology**. Foris: Dordrecht, 1986.

PRICE, D.; COOK, E. **The Present Situation of the Nambikwara**. *American Anthropologist, Journal of the American Anthropological Association*, 1969. 71: 688 -93.

RODRIGUES, A. D. **Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas**. Loyola: São Paulo, 1986.

SPENCER, A. **Phonology: Theory and Description**. Wiley-Blackwell: 1996.

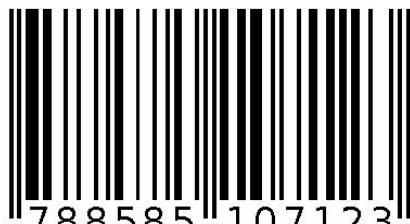
TELLES, S. **Fonologia e gramática Latundê/Lakondê**. 2002. Tese (Doutorado em Linguística) – Vrije Universiteit, Amsterdam.

TELLES, S. **Traços laringais em Latundê (Nambikwára do Norte)**. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi: 2013. Ciências Humanas, v. 8, n. 2, p. 291-306.

VOGEL, I. **The morphology-phonology interface: Isolating to polysynthetic languages**. Acta Linguistica Hungarica: 2008.

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-85107-12-3



9 788585 107123